

Mulher, Singular e Plural

(UM RECONHECIMENTO ATRAVÉS DO PSICODRAMA)*

*Suzana M. Duclós***

INTRODUÇÃO

Volto agora no tempo e vejo cenas de anos atrás, quando comecei meus primeiros grupos terapêuticos. A maioria das clientes que me procuravam eram mulheres. Algumas já estavam há tempo em psicodrama bi-pessoal, quando comecei a ver clara a necessidade de formar grupos. Mas, a possibilidade era fazê-los com todas as pessoas do mesmo sexo. Não estava certa da eficácia, embora tivesse o conhecimento necessário a respeito da indicação de cada uma destas mulheres para formar um grupo. Resolvi experimentar. Continuo experimentando, só que agora com muito mais certeza de que vale a pena.

Na ação como psicoterapeuta, comecei a perceber várias questões comuns à maioria das clientes. Questões que encontravam ressonância em mim como mulher. Não apenas “problemas individuais”. Refletiam a vivência de uma identidade feminina. Questões que expressavam a existência de uma matriz proporcionadora de elementos que contribuem para a espontaneidade — criatividade e a qualidade dos papéis que a mulher desempenha e desenvolve ao longo de sua existência. Questões que representam a manutenção, a revisão e/ou a mudança no projeto existencial. Questões que remetem também a toda uma situação cultural ou civilizatória em que a mulher está encrustada.

* Trabalho apresentado no Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, para credenciamento como terapeuta de alunos.

** Professora do Departamento de Psicologia da UFSC.

Diante deste quadro, minha proposta é a partir de um caso clínico, usar este espaço para uma reflexão sobre identidade feminina. Acredito assim poder contribuir na compreensão da mulher, no seu ser-no-mundo, na sua singularidade e nos seus movimentos de mudança a criação.

Para tal procurei:

a — dar uma idéia do horizonte cultural em que ocorre esta problemática referente às mulheres;

b — relatar um caso clínico, naquilo em que me parece significativo para sua elucidação à luz do quadro teórico do Psicodrama e na sua especificidade dentro das questões que quero explorar;

c — formular o processamento psicodramático do caso, de modo a evidenciar o tipo de compreensão clínica a que ele conduz;

d — expor o entendimento fenomenológico-existencial da matriz cultural, dentro ainda do mesmo caso, de modo a evidenciar algumas aproximações significativas entre a compreensão psicodramática e aquela possibilitada pela fenomenologia e psicanálise existencial;

e — marcar os limites de minha proposta e das considerações que o trabalho me permitiu chegar.

Minha gratidão às pessoas que de maneira direta ou indireta enriqueceram, aguçaram e estimularam a realização deste trabalho. Em especial sou grata a: Alfredo Naffah Neto que me acompanhou, em supervisão, na escolha de Joana, aqui como protagonista; a Pedro Bertolino, orientador, que com seu saber e postura existencialista foi de um incentivo constante; a Vitor S. Dias pela disponibilidade e objetividade com que me orientou na etapa final deste reconhecimento através do Psicodrama; a Paula Freire, Carmen Andaló, Kenia Balvé Behr e Hector J. Fiorini que, em momentos distintos, contribuíram com questionamentos significativos nesta minha reflexão sobre Mulher, Singular e Plural.

A HORIZONTE CULTURAL: AS JOANAS POR AÍ

Escolhi o caso de uma cliente, a quem convencionei chamar de Joana, e através dele delimito um universo. Aquele em que fazem parte mulheres de classe média, com instrução universitária, casadas ou com a possibilidade de vivenciarem vínculo afetivo duradouro com um homem, com uma profissão, e uma suposta autonomia e elasticidade de ir e vir, do privado para o público.

Voltar a atenção e a compreensão para este universo me parece necessário. Não só por uma motivação minha, pessoal e profissional mas, porque aí estão possíveis agentes de mudança na família e na sociedade. Quanto mais estas mulheres se desenvolverem, usarem suas reservas de autenticidade, expandirem sua criatividade e produtividade, maior a possibilidade de uma identidade feminina harmoniosa, sadia.

Sei que é uma população alvo minoritária e privilegiada no nosso meio. Em geral se ouve dizer que fazem parte do grupo que “não deve ter problemas”, “que consegue tudo que quer”, etc. O que constato porém é que há problemas sim, conflitos, mascaramentos de dúvidas e insatisfações. Só que em geral, são mulheres que se mantêm numa posição solitária e silenciosa ao vivenciarem suas crises.

Os movimentos sociais e o feminismo como um deles, possibilitaram a esta mulher a formulação de um discurso bem elaborado sobre seus direitos, suas necessidades, seus “SIM” e “NÃO”, seus projetos. Mas ao tomar contatos, entrar numa relação mais próxima, de maior intimidade, percebo que este mesmo discurso está na sua maior parte mais comprometido com o teórico que com o vivido. Muito mais detido na idéia de conquistar seu espaço — e aí aparecem as queixas, das quais muitas se tornam prisioneiras —, que efetivamente expandindo na ação de ser. Vejo muitas mulheres “tomadas” por estes discursos teóricos e ao mesmo tempo angustiadas por não conseguirem realizar as mudanças que “devem ser feitas” em suas vidas. Usam novas palavras, que podem até ser a ponte para um outro jeito de ser, mas que por si só, não são. Muitas estão emocionalmente solitárias. Algumas reúnem-se em grupos

de reflexão sobre a condição da mulher. Estudam, teorizam, e momentaneamente se sentem aliviadas e alimentadas. Outras, muito poucas, atuam de maneira mais direta, visando desenvolver a consciência de ser mulher. Lançam-se, experimentam e aprendem. Mas as contradições são penosas e é necessário suporte para fazer rupturas e concretizar novas formas de viver.

Como compreender o que acontece? Creio que uma das maneiras é se levarmos em conta que o projeto existencial — posto e passado pela família por um processo de relações — se sustenta na família interiorizada. A esse respeito Laing destaca que a

"família", a família como estrutura fantástica, determina entre os membros de uma família, relações de tipo diferente das de pessoas que não partilham a mesma interiorização. A família não é um objeto interiorizado, mas sim um conjunto de relações que foi interiorizado". (1)

E resume dizendo que,

"aquilo que se interioriza não são objetos como tal, mas padrões de relacionamento por meio de operações internas sobre as quais e nas quais um indivíduo desenvolve e encarna uma estrutura de grupo".(2)

Esta família interiorizada pela mulher, e a qual sua identidade remete, é possivelmente uma das partes do conflito, sendo a outra a família idealizada, onde ela poderia viver relações mais compatíveis com seu discurso teórico.

Assim se sente impedida, ansiosa, vivendo impasses, que lhe impedem de levar na prática suas convicções e propostas teóricas.

Vem daí a necessidade desta mulher confrontar-se com sua família interiorizada (de origem), compreender sua matriz sociométrica e a sociodinâmica aí presente, e então retrabalhar esta interiorização de forma que passe a confirmar suas relações familiares concretas e exteriores.

A complexidade desta situação não se reduz, pois à mudança de um sistema de relações na família atual, mas implica em reelaborar elementos muito enraizados: o sentimento de identidade,

1. Ronald Laing, Política da Família, p. 16.

2. Ibid., p. 19.

a família atual e a família de origem. Sem dúvida a segurança de ser mulher é mediatizada por ambas as famílias. Ela precisa ser confirmada na sua identidade, tanto pela família atual como pela família interiorizada, pois se esta confirmação não é convincente, não há segurança no seu atual modo de ser. É pois necessária, uma harmonia na compreensão que se estabelece entre a família de seu mundo interno e no plano da realidade objetiva, a família que aparece em seu mundo externo.

É exigida em duas frentes que se entrelaçam. Isto pode tornar-se um foco de tensões, se na frente do mundo interno for de um jeito e no meio externo de outro. Cria-se um clima de desacordo gerador de conflito. Na medida em que se sente prisioneira deste impasse, a pressão do mundo interno se impõe e há necessidade de modificações.

Po outro lado esta mulher, na sua família atual, tem uma relação de casamento com um companheiro que também tem uma família interiorizada, onde estão marcados os significados de homem, mulher, marido, esposa, pai, mãe, etc.

"Ninguém pode negar que todas as nossas mães aprenderam com suas respectivas mães que a posição fundamental da mulher era a de "dona-de-casa" quer dizer, a de dona proprietária, senhora absoluta do espaço social dedicado à manutenção da família e à educação dos filhos: a casa".⁽³⁾

Assim, para o homem também se coloca a mesma complexidade do problema e a questão da confirmação tende a ficar comprometida.

O conflito destas mulheres de classe média, com as características formais a que me referi ao início desta parte, não pode ser compreendido só como o de uma mulher, daquela mulher, isoladamente. Exige, também, uma reflexão sobre a política da família como grupo, ao mesmo tempo que como instituição legitimada por todo um sistema econômico, uma moral e uma cultura. Uma questão que não se restringe ao psicológico nem só ao político e sociológico. Os enfoques se tecem e devem ser considerados.

(3) Alfredo Naffah Neto. Psicodramatizar, p. 22.

"O movimento das mulheres pode ser visto como uma resposta às pressões feitas sobre a família pelo capitalismo recente. Resistindo às formas tradicionais de diferenciação de papéis sexuais que restringiam a esposa ao lar e à subserviência aos homens em geral, as mulheres começaram a exigir uma oportunidade igual de trabalho e igualdade de salário. Tal exigência ameaça o patriarcado, especialmente no lar. O movimento feminista desafiou os componentes básicos do papel das mulheres na família".⁽⁴⁾

Sua ação, ainda que muito restrita em nosso meio, tem um sentido de denunciar os conceitos de masculino-superior, feminino-inferior, mostrando que a qualidade destes papéis é muito mais uma construção ideológica que o reflexo da diferenciação biológica. Põe em questão os fundamentos da assimetria sexual e propõe que as diferenças homem-mulher não impliquem em desigualdade.

Mas, a história da mulher tem raízes num passado onde, por exemplo em 195 DC, as mulheres protestaram junto ao Senado Romano sua exclusão do uso de transportes públicos e a obrigatoriedade de se locomoverem a pé; onde na Idade Média o pensamento da Igreja oscilava entre as figuras de Maria e Eva, estimulando a formação do tabu sexual. E, ao longo do tempo, com aberturas e fechamentos em seus espaços de atuação, é certo que foram alijadas de se formarem para exercer determinadas profissões, tecendo-se assim, toda uma ideologia de desvalorização da mulher que trabalha fora. A forma de inclusão do trabalho feminino ficou restrita ao lar, não, porque inexistissem necessidades materiais de sobrevivência mas, porque era menor o pagamento da mão-de-obra feminina.

Comentando isso, o personagem "Frei Guilherme" da obra de Umberto Eco, "O Nome da Rosa", expressa:

"E sobre a mulher como estímulo de tentações já falaram as escrituras. Da mulher diz o Eclesiastes que sua conversa é como fogo ardente e os Provérbios dizem que ela se apodera da alma preciosa do homem e que os mais fortes foram

(4) Mark Poster. Teoria Crítica da Família, p. 217.

arruinados por ela. E diz mais o Eclesiastes: descobre que mais amarga que a morte é a mulher, e que é como um laço dos caçadores, o seu coração é como uma rede, as suas mãos são cordas. E outros disseram que ela é a barca do demônio. Visto isso caro Adso, eu não consigo convencer-me de que Deus tenha querido introduzir na criação um ser tão imundo sem dotá-lo de alguma virtude. E não posso deixar de refletir sobre o fato de que ele concedeu-lhe muitos privilégios e motivos de apreço, dos quais três pelo menos grandíssimos. De fato criou o homem neste mundo vil, do barro e a mulher num segundo tempo e no paraíso e de nobre matéria humana. E não a formou dos pés ou dos interiores do corpo do Adão, mas da costela. Em segundo lugar, o Senhor que tudo pode, teria podido encarnar-se diretamente num homem de modo miraculoso, e escolheu ao contrário habitar o ventre de uma mulher, sinal de que não era tão imunda assim. E quando apareceu, após a ressurreição, apareceu a uma mulher. E por fim, na glória celeste, nenhum homem será rei naquela pátria, e será rainha ao contrário uma mulher que nunca pecou. Se, portanto o Senhor teve tantas atenções para com a própria Eva e para com suas filhas, é tão anormal que nós também nos sintamos atraídos pelas graças e pela nobreza desse sexo?”⁽⁵⁾.

Hoje porém as mulheres estão saindo de sua concha protetora e do seu restrito território de ação, para cada vez mais, entrarem no mercado de trabalho. Lutam contra a repetição da figura materna, da sociodinâmica familiar, começam a romper com a relação de dependência econômica do homem, a se apropriarem de seu corpo tomando melhor contato com sua sexualidade e decidindo sobre ela. Mas, não é simples esta luta. Frequentes são os desencantos, desencontros, sentimentos de ambivalência, angústia, desconfiança, ressentimento e culpa. As tentativas de representar papéis com scripts prontos podem manter a ficção por um tempo; ao longo da vida porém, se desmascaram os personagens e é dolorosa a constatação de não resultarem numa genuína expressão de si própria.

(5) Umberto Eco, O Nome da Rosa, p. 239.

"Já fui loira, já fui morena
já fui Margarida e Beatriz.
já fui Maria e Madalena,
só não pude ser como quis."⁽⁶⁾

Toda essa situação histórica presente lança a mulher numa complicação existencial ou psicológica que aparece e se constitui como um desafio à psicoterapia. Sem dúvida, ainda aí há diferentes graus e qualidades de angústia, que orientam o caminho a percorrer. Há por exemplo, uma angústia existencial nas mulheres, fruto das contradições de seu meio externo, das exigências de desempenho de determinados papéis. Poderíamos situá-la a partir do que nos diz Marie Langer.

Já não se presume, como no princípio do nosso século, que uma profissão implique para a mulher na renúncia ao casamento e à possibilidade de fundar uma família. Porém as normas da vida de uma mulher casada, de classe média, não estão bem estabelecidas e ela se vê envolvida em muitos problemas de ordem prática na sua tentativa de adequar sua vida de mulher com sua profissão. Deve enfrentar exigências do meio ambiente maiores das que se pede ao homem. Deve atender bem a sua casa e a seu marido, como quem deve saber obter orgasmo (ultimamente a sociedade exige da mulher capacidade orgástica com a mesma ênfase com que exigia, desde sempre, potência ao homem). Tem que dedicar-se à criação e educação de seus filhos. Porém, simultaneamente deve cumprir fora de sua casa um horário de trabalho igual ao do homem. Ao mesmo tempo se espera que ela dedique parte de seu tempo, já tão escasso, a seu cuidado corporal. Ela procura coordenar todas estas tarefas, sem que lhe seja possível cumprir todas. Percebe, sofre por sua suposta incapacidade e se sente culpada frente a seu marido, a seus filhos, a seu chefe de trabalho: repreende-se por não render todo o necessário".⁽⁷⁾

Mas pode se estabelecer também um conflito mais intenso e estruturado entre os papéis apreendidos e desenvolvidos em sua

6. Cecília Meirelles. Poesias Completas II, p. 24.

7. Maternidad y Sexo, p. 24.

matriz de identidade e as exigências acima descritas que se apresentam hoje no contexto social. *"O sintoma emergente nesta situação também é angústia, só que aí as reações são desproporcionais aos fatos acontecidos e pelas características, é entendida como angústia neurótica".*⁽⁸⁾ Se ao nível intra-psíquico traz um conceito de mulher que está em desacordo com seu conceito intelectual e extra-psíquico, há conflito, sofrimento, confusão em seu sentimento de identidade, gerando a necessidade de chegar a uma síntese nova e criadora de seu ser mulher. Aí, entra o trabalho psicoterápico, onde empreende a partir de suas contradições, o processo de criação de um modelo original, seu, o que também não representa imitação do que é masculino. O caso de Joana não é necessariamente representativo de todos os conflitos, nem pretendo tomá-lo como um caso padrão. Pretendo apenas utilizá-lo como suporte concreto para trazer possível contribuição ao esforço de fazer face a tal desafio.

B. JOANA: PASSADO E PRESENTE

Joana é uma mulher de 26 anos. Baixinha, comunicativa, muito falante e de gestos largos. É engenheira civil. Casada.

Procurou-me no consultório dizendo que tinha mudado de cidade, era recém-casada, recém-formada e estava se sentindo atrapalhada com as modificações de sua vida. Mais distante da família, longe dos amigos, agora engenheira, agora esposa e numa grande confusão com tudo isso. Queria fazer parte de um grupo de psicoterapia, o que pouco tempo depois aconteceu.

Quando nos conhecemos e nos primeiros tempos de trabalho era uma pessoa muito inquieta, seus gestos eram bruscos e rápidos. Tinha um caminhar forte e duro formando uma postura corporal

8. Vitor S. Dias, Seminário: Processamento em Psicodrama, P.A., 1983.

rígida. Cabelos e unhas curtos, sem adornos, nem maquiagem, roupas práticas e uma vaidade feminina que era muito mais dita que vivida. Estava sempre disposta a organizar atividades, dirigir, e se possível, ver realizadas tarefas no menor tempo possível. No grupo, lembro de atitudes suas, batendo uma mão na outra, preocupada e já quase cobrando que alguém se dispusesse a trabalhar logo uma situação de conflito. Como que tirando precipitadamente, o protagonista do momento.

Seus pais moram numa cidade distante. É a filha menor.

Seu irmão, filho mais velho, tem dela uma diferença de 20 anos. Era o depositário de uma grande expectativa familiar, por ser homem e pela possibilidade de seguir a carreira militar como o pai. Mas, para desagrado geral, com 23 anos foi embora de casa, parou de estudar e resolveu fazer sua vida por conta própria, como construtor.

A irmã, 10 anos mais velha, sob o pretexto de estudar, foi para casa de parentes noutra cidade. De lá ainda mudou-se para mais distante e casou-se.

A convivência familiar ficou então mais restrita a Joana, o pai e a mãe. Davam-se muito bem. Era a “menorzinha”, a “preferida”.

Seu pai fez carreira no exército. É uma pessoa de “princípios fortes”. muito autoritário, dinâmico e decidido. Tem o posto de capitão e sempre esteve muito integrado com sua profissão. Atualmente aposentado é ainda uma figura respeitada no local onde moram.

Desde pequena ouviu dizer que os pais esperavam muito que ela nascesse um menino. Mas que seria a companheira de suas velhices. Na realidade isto era dito especialmente pelo pai, prometendo tudo para que estivesse bem.

Era a grande companheira do pai. Enquanto a mãe dedicava-se às tarefas domésticas, Joana fazia pequenos passeios com ele, conhecia e conversava com seus amigos. A mãe aparecia pois como figura mais apagada na relação de Joana com o pai. Muitas vezes quando este precisou decidir sobre compra e venda de imóveis e alguns outros investimentos, foi com ela que confidenciou, e com quem discutiu o que era mais lucrativo. Passava a fazer o que o irmão — já distante da família — não fazia e a ser a companheira — companheiro do pai.

A mãe, dona de casa, dedicou-se a atender as necessidades do marido e dos filhos. Muito submissa ao esposo, acatava suas ordens, em geral, sem contestação. Era “conformada”. Com Joana exercia sua autoridade através da escolha de lugares e roupas que deveria usar. Cuidava das companhias e fazia seus vestidos — aliás muito enfeitados com babadinhos e bordados — cuidando para que fosse uma indumentária delicada e ingênua.

Este trio familiar assim viveu até os 17 anos de Joana. Terminando seus estudos no colegial, decidiu fazer Engenharia Civil. Acha que a escolha foi por afinidade com a profissão do irmão (construtor) e com a habilidade da mãe, excelente desenhista. Mas isto implicaria em mudar para outro local e ficar longe dos pais. Eles concordaram, desde que voltasse nos fins de semana e feriados mais longos.

Já na Universidade, Joana conheceu Luis — colega de turma. Daí a alguns meses começou o namoro que chegou ao casamento no final do curso.

Luis eram um “meninão” tranqüilo, sossegado, pacato. Inteligente mas, muito descansado para tomar iniciativas. E o que acabava acontecendo é que Joana tomava as decisões pelos dois, por ela e por ele.

No final do curso resolveram casar-se e mudar de cidade, tentando assim um novo campo de trabalho. A idéia era atraente e Luis tinha um primo — também engenheiro — já estabelecido e disposto a encaminhá-los profissionalmente.

Concretizaram os planos. Porém, pouco tempo depois, começaram a aparecer dificuldades. Joana achando o primo “muito parado”, “sem pique”. Questionava este jeito, e se impacientava ao ver Luis muito parecido, sem determinação.

A insatisfação aumentando, começaram a aparecer atritos, principalmente entre o casal. Ela não agüentava “aquela moleza”. Luis estava muito dividido entre a afinidade que tinha com o primo e o querer estar com a mulher.

Joana decide então, abrir um escritório sozinha e trabalhar com projeto e execução de obras. Como tem facilidades, começa a formar seu próprio mercado.

Estes últimos acontecimentos foram trabalhados e partilhados com o grupo.

Aproximadamente 2 meses após o início da terapia, trouxe a queixa de que percebia em si, dificuldade em estabelecer uma relação corporal leve com outra pessoa. Seus toques eram bruscos e fortes, mesmo quando gostaria de passar suavidade e aconchego.

Isto estava se tornando mais evidente naquele momento pois, Luis começou a ficar desanimado e deprimido. Passava 2, 3 dias em casa, pouco falando e sentindo-se incapaz. Joana tenta ajudá-lo a sair da crise e se percebe incapaz. Vê o marido mal e não sabe como agir. Faz mil propostas, arranja mil soluções e nada dá certo. Sente que é difícil até abraçá-lo de um jeito bom.

Muito mobilizada, emocionalmente emerge como protagonista do grupo para trabalhar o que sente e chama de “tremor” (sensação que dificultava seu contato com as pessoas).

Quando em cena, monta a imagem de como se percebe naquele momento. Está de pé, braços caídos ao longo do corpo, cabeça levemente inclinada para o lado, pernas entreabertas. Envolvendo seu corpo coloca um ego auxiliar para significar o “tremor”. Este “tremor” é muito ativo e está constantemente arrumando a cabeça, juntando as pernas e forçando o corpo a ficar rígido, como que numa posição de sentido, militaresca. Quando em cena, Joana entra no papel deste “tremor”, diz que está ali há muitos anos, e que sua função é segurá-lo, torná-lo forte, contê-lo. Há um diálogo — verbal e corporal — forte entre Joana e este tremor. E ao enfrentá-lo, diz que não precisa mais ficar assim, que não quer, que lhe faz mal e a enfraquece em vez de fortalecer. Quer ser livre. Entra então num confronto corporal com esta força. Estabelece uma luta que só termina quando fica liberta.

Depois, quando sai do papel, manifesta a necessidade de encontrar o pai, a mãe, e conversar com eles.

Há uma segunda cena, e nesta, a conversa se dá numa sala: o pai sentado no canto de um sofá, a mãe numa poltrona mais distante. Joana se coloca de pé na frente do pai, de braços cruzados sobre o peito. Está ofegante, fisicamente cansada pela cena anterior e emocionada. Diz a ele que não é mais uma criança, que cresceu e está com muita coisa presa dentro de si. Entra no papel de pai e responde firme: “Não Joana, acho que está tudo bem com você. Eu lhe dei todo o necessário, não sei

por que razão você está insatisfeita. Você está muito bem. Conseguiu tudo o que quis."

Mas Joana insiste: quer mudar, se sentir mais livre. Fala de seu casamento, da relação com Luis, do desejo que tem de se aproximar mais dele. Quer ter mais contato com as pessoas, tocá-las e deixar fluir seus sentimentos.

O pai balança a cabeça de um lado para outro, demonstrando não levar muito a sério.

O momento é tenso, Joana tem a voz embargada enquanto vai contando de si. E num determinado instante, abrindo os braços e chorando grita: "Se você não pode me entender, agora eu posso! Eu não quero ser o Capitão Rodrigues que você é! Eu sou eu! Eu sou Joana!"

Solta os braços, olha de frente o pai e sai. Está muito emocionada enquanto caminha lentamente em direção à mãe. Senta-se diante desta, muito próxima e com expressão terna. Diz a ela que tem muita coisa a aprender, que precisa de ajuda.

Quando inverte os papéis e é a mãe, está com os ombros caídos, mãos postas sobre as pernas e uma expressão melancólica. Pergunta a Joana porque demorou tanto a falar com ela. Depois conta que sua vida não é fácil, que abriu mão de si em muita coisa, sempre vivendo para o marido e os filhos. "Mas quem sabe" — diz ela — "você possa fazer diferente o seu casamento, a sua vida". Joana volta a seu papel de filha, abraça a mãe dizendo "que vai tentar".

Esta dramatização foi processada durante muito tempo. Várias vezes contava situações em que, quando estava agindo apressada, dura e automaticamente, parava, tomava contato consigo mesma, para perceber o que se passava internamente.

Aos poucos foi se sentindo com mais liberdade na convivência com o marido. Sugeriu-lhe que fosse também fazer psicoterapia. (E este assumiu a sugestão). Tempos depois, Luis resolve trabalhar com ela no escritório, e se desligar do primo.

No grupo, apresenta-se com roupas mais cuidadas, gestos mais soltos e leves. Já não está mais ansiosa por produzir qualquer coisa, o mais rápido possível. Aceita melhor o ritmo dos outros e está descobrindo o seu.

Claro que seu grupo de terapia, além de ter sido continente,

auxiliou-a muito, direta e indiretamente. Outros trabalhos psicodramáticos aconteceram, em que, como protagonista ou ego-auxiliar, foi se percebendo melhor e aprendendo a lidar consigo. Na verdade, nada de mágico tinha acontecido e era com muito empenho e se levando a sério, que Joana se apropriava de sua vida e fazia mudanças em seu projeto existencial. Nesta trajetória, aconteciam situações em que queria impor sua posição, dar explicações finais ou regras de “certo” e “errado”, para acontecimentos no grupo. Seus companheiros, ora brincando, ora bravos, ora sérios, passavam então a chamá-la de “Capitão Rodrigues”, ou seja seu pai.

Naquele ano, dias depois de seu aniversário, chega ao grupo, contando surpresa, que pela primeira vez tinha ganhado uma jóia do marido. Mas, o mais importante, é que também pela primeira vez não escolhera antecipadamente o presente e mandara Luis comprar. Era um “presente simples, feminino”, e sentia afinidade com ele.

Dividindo o trabalho com o marido, resolve experimentar trabalhos de decoração. Descobre-se com entusiasmo por esta área, à medida em que se familiariza, gradativamente, vai usando menos as botas de borracha que serviam para fiscalizar obras.

É passado um ano e meio. Estão acontecendo mudanças na relação do casal. Luis começa a dizer mais o que quer e o que precisa. Nem sempre os dois concordam. Às vezes brigam, às vezes levam tempo para se entenderem. Mas Joana diz que está numa relação muito mais clara, mais limpa.

Visita os pais periodicamente. E no meio de todos estes acontecimentos, começa a se perceber lembrando muito da mãe: preocupada por sua saúde, apreensiva pela distância física. (Comenta inclusive que é só com a mãe. Com o pai, está tranqüila, cada um fez a vida do jeito que quis, está na sua.”)

Numa sessão do grupo, queixou-se do quanto está envolvida por esta lembrança. Tem pela frente, um fim de semana com feriado, para passar descontraidamente com Luis. Acha porém que tem “obrigação” de visitar a mãe, “coitada”. Percebe-se com necessidade, de ter um encontro com ela para poder ver melhor o que está se passando. “Preciso falar com minha mãe, acho que fazer alguma despedida” diz Joana.

Constitui-se como protagonista. Fazemos uma longa trajetória no cenário psicodramático.

Há um momento significativo, em que está abraçada com a mãe, dizendo-lhe que já não é mais ali, naquela casa, o lugar dela. Tem seu espaço, que faz com o marido, sua profissão, seus amigos e é tudo muito importante. Já não dá mais para ficar presa ali.

Joana no papel de mãe está de pé, braços abertos e expressão de súplica. Tenta envolver a filha e pede que fique com ela. Ao mesmo tempo, diz que compreende, que vá fazer sua própria vida. Mas insiste em segurá-la, mostrando o quanto se dedicou, se sacrificou e que agora, não pode ficar assim, só. Quando volta a ser a filha, Joana acaricia os cabelos da mãe, mas, tenta manter uma distância e se desvencilha de seus braços. Explica que já cresceu, que não quer mais ser tratada como criança, que quer escolher as suas coisas.

Mas a mãe continua na mesma postura e Joana volta a se aninhar em seus braços. Fica por um momento e se afasta. Durante um razoável tempo se aproximam e se separam corporalmente. Medem forças, manifestam afetos, marcam posições nas escolhas de suas vidas.

Percebo que, apesar de querer, está difícil para Joana separar-se. Pergunto-lhe se precisa do auxílio de alguém. Ela me responde que vai levar o tempo que for necessário, mas, que esta separação tem que fazer sozinha. "É comigo, só comigo, não adianta".

Então, segurando os ombros da mãe com as mãos e olhando-a diz "Eu te amo muito e sempre vou te amar. Mas agora preciso ir."

Quando se afasta da mãe está calma e um pouco triste. Começa a andar "como se estivesse cominhando pela vida". Conversa consigo mesma. Gostaria que a mãe tivesse feito sua história diferente, mas nisto não pode fazer nada por ela.

Experimenta movimentos lentos e leves com o corpo. Continua seu solilóquio: "Eu quero ser uma boa engenheira mas, quero também fazer doce quando chegar em casa; dividir o que tenho com o homem que amo, ter lugares e amigos. Eu sou uma mulher. Não uma criança. Nem do meu pai, nem da minha mãe. Eu sou eu. De mim".

Depois, olha-me dizendo: "Agora que já me encontrei, gostaria de encontrar Luís".

Seu ego-auxiliar entra em cena e faz o papel de Luís. Aproxima-se dela e tenta envolvê-la num abraço. Joana sorri e afasta-se um pouco. Coloca-se numa posição lado-a-lado com Luís, de mãos dadas. E lhe diz: "É assim que quero estar contigo, de mãos dadas, pela vida afora ..."

Embora eu tenha escolhido estes dois momentos psicodramáticos — entre tantos que me pareceram significativos —, muito tem acontecido em seu processo psicoterápico e em seu viver. Está fazendo uma longa trajetória de reconhecimento, aprofundamentos e compreensão do que é possível ser vivido por ela. Com este movimento, fortalece o sentimento de identidade e a qualidade de seus papéis.

C. COMPREENSÃO PSICODRAMÁTICA DE JOANA

"... a sexualidade humana não se localiza apenas no aparelho genital. Só a compreensão do desenvolvimento dos papéis desempenhados pelo ser humano, nos quais se incluem aqueles ligados à sexualidade, poderá permitir a sua retomada num ponto bloqueado, de modo que permita ao homem em seu contato sexual, a abertura simétrica e espontânea para um outro (...), sem que se fique com a impressão de estar devolvendo ou recebendo de volta, alguma coisa perdida no passado".

Sérgio Perazzo

O sujeito humano, no Psicodrama, é em princípio considerado como ser-em-relação. Ao nascer já está inserido numa rede sociométrica. Pais, irmãos, parentes, expressando seus valores, sua moral, seus mitos, necessidades e realizações, constituem o meio ativo e complexo no qual a criança tem um lugar e passa a ser participante, ator. A família, representante primeira da estrutura sócio-

econômica e política, servirá como primeiro e mais protegido palco onde o drama da existência se desenrola.

Da vivência no útero materno, transfere-se *"para um conjunto totalmente estranho de relações. Não dispõe de modelo algum de acordo com o qual possa dar forma aos seus atos"*⁽⁹⁾ É o ator que improvisa e que sem ter um EU constituído, começa a desempenhar papéis que ao longo de seu desenvolvimento se ampliarão.

Moreno nos fala de Matriz de Identidade, quando lança-se na compreensão do desenvolvimento infantil. No início não existe um EU, nem um TU. As vivências são indiferenciadas. A criança não se apercebe do que é seu e do que está fora de si, experimenta a tudo como co-existente consigo. *"O corpo infantil existe como um corpo disperso. Não é pois vivido pela criança como uma identidade"*.⁽¹⁰⁾

Quando Joana nasceu seu irmão estava com 20 anos e sua irmã com 10 anos. Há, portanto, uma grande diferença de idade entre ela e os irmãos. A expectativa familiar era de que fosse um menino. Um filho parecido com o pai e que pudesse reparar a frustração provocada pelo filho mais velho de não seguir a carreira militar.

O pai, uma pessoa autoritária, ativa, acostumada à disciplina, aparecia como a figura forte do casal. A mãe, submissa e passiva, era dependente do marido, acatava suas determinações e restringia suas possibilidades de autonomia e desenvolvimento pessoal.

Na formação da matriz de identidade de Joana, percebemos, de início, a primeira contradição:

— Para o pai, ela seria o menino, companheiro e depositário de suas expectativas de auto-realização e continuidade.

— Para a mãe, a menina-bebê, que enquanto criança e dependente, faz com que esta seja grande, necessária e tenha um papel bastante expandido.

Paulatinamente, essa co-existência, co-experiência e coação (que acontece entre ela e a mãe, entre ela e seus egos auxiliares — extensões de seu próprio corpo) vai se modificando.

Na etapa do *"reconhecimento do eu"* aparece sua *"singularidade como pessoa"*.⁽¹¹⁾ Através da relação em espelho consegue apreender a imagem de si mesma. Lembra Naffah que,

9. Jacob Levi Moreno, Psicodrama, p. 101.

10. Alfredo Naffah Neto, op. cit., p. 6.

11. Jacob Levi Moreno, Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, p. 115.

"o primeiro grande espelho de que a criança dispõe são os olhos da mãe. Olhar que não é neutro e que, como referência necessária a essa conquista de unidade do corpo infantil, é ao mesmo tempo um olhar que disciplina, que reveste a corporeidade da criança com o desejo do adulto: exigências e expectativas ao seu papel na família". (12)

À medida em que ganha em autonomia, obtida através da maturação de seu sistema nervoso e do desenvolvimento de uma identidade própria e distinta, se apropria de sua existência, sua experiência e sua ação. Aos poucos vai reconhecendo diferenças e semelhanças entre ela e o outro, obtendo um grau maior de liberdade em relação aos egos-auxiliares.

Quando o mundo da realidade e o da fantasia começam a ser distintos, e a criança a transitar entre eles, atos de fantasia e de realidade também começam a se organizar. Seu poder passa a ser limitado e a onipotência da fantasia diminui.

"Sentindo-se ameaçada pelas limitações do adulto, a criança começa a identificar-se com ele, isso como forma de reconquistar, imaginariamente, o poder perdido. Mas, ao identificar-se com o adulto e representar ludicamente seu papel, a criança conquistará aquilo que Moreno denomina função psicodramática, capacidade de jogo simbólico, onde inverte papéis com os pais e descobre, através da vivência, a rede dos papéis sociais na qual está inscrita sua identidade". (13)

Nesta placenta social, Joana começa a criar suas raízes, se desenvolvendo, seu universo ficando mais diferenciado e passa a ser mais sensível e discernir gradativamente as qualidades de seu meio afetivo.

Seu pai se relaciona com ela como se fosse o menino esperado (o que já vem do momento anterior), mas vai ficando mais nítido na 2ª etapa da matriz de identidade. Da mesma maneira, a relação da mãe de Joana, expressa todas as expectativas contidas em sua necessidade de ter uma menina-bebê. Portanto, na relação em

12. Alfredo Naffah Neto, op. cit., p. 9.

13. Ibid., p. 11.

espelho, característica da fase do reconhecimento do eu, perante o desejo e o olhar do pai, Joana tem que ser um menino, enquanto que com a mãe, pode ser a menina.

Mas, a mãe aparece como fraca, passiva e submissa, enquanto que o poder, a ação e a vitalidade quem os detém é o pai. Forma-se aí, um pacto co-inconsciente entre o desejo de Joana e o desejo do pai. Elege-o como modelo, pois aí se apresenta a possibilidade de uma existência mais vitalizada. Com isso porém, não quebra a aliança que tem com a mãe, apenas coloca-a em aparente segundo plano.

Entre o não crescer e o crescer travestida, escolhe crescer travestida, o que na 3ª etapa de desenvolvimento da matriz de identidade, vai dificultar a inversão de papéis.

Perceber a mãe, o pai e a si mesma como filha, inverter os papéis e representá-los, como ludicamente a criança faz, já não será tão mais claro, pela contaminação dos papéis gerada pelas alianças. Quando escolhe não ser o bebê da mãe, contrai uma dívida com esta, pois, mesmo que o desejo da mãe a aprisione enquanto bebê é ele que a autentica enquanto mulher. De qualquer forma, há uma fraca demarcação para Joana, do que em sua família significa: Eles adultos — Eu criança e do que seja a relação Marido-Mulher. Ora, Joana é a filha-companheiro-companheira do pai. Ocupa o lugar do irmão e da mãe em muitos momentos. É ela quem sai com o pai, quem compartilha de suas relações de amizade e mais tarde inclusive, passa a tomar decisões com ele, o que seria, em última instância, função da mãe.

É como se, em ações próprias do casal, Joana entrasse substituindo a mãe ou fazendo a parte dela. E esta (mãe) se deixando ficar de lado passivamente. Há de se notar que é justamente pela ambivalência “companheiro-companheira” que Joana tem permissão do pai para participar nas suas decisões ou seja, é enquanto representante do irmão, um outro homem, que ela encontra espaço para uma existência mais ativa.

O aprendizado que aí ocorre, do que seja pai-marido e mãe-esposa é confuso, não só por supor uma relação de dominação mas, também, por misturar as duas redes de papéis: marido-mulher e pai-mãe-filha (o). Assim sendo, a percepção de que existem relações nas quais ela não entra, não participa, fica dificultada. De fato,

ela entra na aliança marido-mulher e pode até invadi-la devido a sua cumplicidade com o pai. Com isso restringe sua possibilidade de ter uma vida própria, reservada, e de aprender a ter estes mesmos limites com os outros.

Nesta fase, do reconhecimento do Tu e dos Outros, a criança vive a Triangulação (que ressalta o aspecto comunicacional do relacionamento, antes bi-pessoal e agora triádico), depois a Circularização (socialização), até atingir a plena capacidade de realizar uma relação humana de reciprocidade e mutualidade⁽⁴⁾ e assim inverter papéis.

Mais tarde, na escolha de sua profissão, aparece novamente a dualidade originária de sua matriz de identidade: afinidade com a profissão do irmão (aspecto masculino, e já uma primeira tentativa de autonomia em relação ao pai) e a habilidade de desenhar que tem da mãe (aspecto feminino e também tentativa de superar o estágio da mãe).

A escolha de Luis é mais um reflexo deste quadro. Nela repete-se a situação original. Joana, enquanto mulher, é a pessoa mais ativa do casal, com mais vitalidade, conservando características de seu pai. Luis é mais passivo e submisso, como era sua mãe. Conforme consta no relato, é ela quem toma as decisões, abre os caminhos. É o que comumente se chama de "a cabeça do casal".

Com o casamento, a mudança de cidade e o início da profissão começa a perceber seu despreparo interno e dificuldades. Mas este desempenho lhe serve até o momento em que Luis sente-se mal e vive uma crise.

Começa, também aí, a crise com sua identidade, com seus papéis e a qualidade destes. E se formos a uma instância anterior nos deparamos com bloqueios da espontaneidade refletidos nos comportamentos — conservas que apresenta. Descobre-se não sabendo mostrar seu carinho, sua sensualidade. Percebe-se cobradora, rígida, dura (como o pai). Tem um desejo não realizado de expressar seu companheirismo, solidariedade e afeto.

Enfrenta-se, através dos trabalhos psicodramáticos, como filha, mulher, esposa, companheira de Luis. E este enfrentamento

(14) José de Souza, Fonseca Filho, Psicodrama da Loucura, p. 96.

vai levá-la a um confronto com o pai, conforme aparece numa das sessões que elegi para relatar.

Por que o pai? A resposta está na relação deles e creio contida no aqui exposto. Foi a ele que escolheu como modelo e para corresponder o desejo dele, assumiu uma série de posturas em sua vida. O tremor (queixa inicial trabalhada na primeira dramatização aqui relatada) enquanto sintoma de uma rigidez muscular aparecia no cenário psicodramático, protagonizando uma luta entre Joana e a máscara masculina que a envolvia. Máscara esta, oriunda da identificação com o pai. Tinha este pai tão próximo que era sentido (tremor) mas não reconhecido. Uma relação simbiótica Eu (Joana) Tu (Pai) que através da dramatização ficou desvendada. Teve então distância para sair do vínculo simbiótico, reconhecer o Tu e consequentemente o Eu.

Nesta etapa já não reflete mais a imagem do pai e se dá licença interna para isso. Porém, dentro de si, tem uma filha-bebê que não cumpriu o desejo da mãe e que agora ameaça irromper na medida em que ela assume sua identidade feminina. Cumpre liberar-se do desejo desta mãe, que ainda agora, com Joana adulta, atualiza seu pedido, através de queixas pela ausência da filha. Aí tinha o reconhecimento do Tu, sabia o que a mãe desejava dela, mas não sabia o que ela, Joana, queria. Se sentia na obrigação de ser o Tu que a mãe esperava e não o Tu que ela necessitava.

E chegamos então em outro momento do processo psicoterápico, onde, através do psicodrama enfrenta-se com esta dívida e com o desejo da mãe. É necessário modificar a relação. Separar-se, colocar-se no papel de filha-adulta, independente, mulher-casada, engenheira e como diz "dona de si". Resgatar seu espontâneo, para assumir, criar e descobrir sua identidade feminina.

Para isso, não adiante só estar bem com Luis. E preciso deixar de refletir também, o desejo da mãe, desvencilhar-se da ameaça de que vai repeti-lo e de que ser mulher, significa não ter poder sobre a própria vida, ser submissa.

Há pois uma necessidade de modificação dos padrões de relação, incorporados da Matriz de Identidade, para uma adequação frente às auto-exigências e exigências sociais do momento. Para poder ser adequada aos padrões sociais que aceita e quer, precisa enfrentar o conflito com os padrões incorporados e modificá-los.

D. CONTRIBUIÇÃO FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL
À COMPREENSÃO PSICODRAMÁTICA
DE JOANA-MULHER

"O que afirmo é que nas posturas tradicionais de alguma maneira sempre consta uma lógica de exclusões. O que proponho como orientação é uma postura teórica e técnica baseada numa lógica de inclusões e de articulações, quer dizer de integrações."

Hector J. Fiorini

Para o existencialismo, no que diz respeito ao ser humano, a existência precede a essência. Ou seja, nós nascemos sem um EU definido. Primeiro existimos, para depois nos tornamos este ou aquele sujeito. Nascer significa aparecer inserido no mundo, numa realidade física, histórica e social, num ponto do tempo e do espaço. Existir é estar no mundo. Aparecer no mundo.

"Uma criança vem ao mundo no seio de uma família que é produto das operações de seres humanos que já habitam este mundo. Trata-se de um sistema mediato, apreensível através da vista, som, gosto, cheiro, tato, prazer e dor, calor e frio, um oceano em que a criança depressa aprende a nadar. Mas, de toda esta série, são interiorizados e elaborados em termos de significantes, relações e não apenas objetos. (15)

Nascemos e existimos situados. Sujeitos às implicações sociais, biológicas, físicas, emocionais, de toda ordem. Estas implicações nunca determinam a escolha do sujeito. Exigem mas, não determinam. E isto porque ao estar numa situação há uma necessidade de escolha (livre para escolher, quando existe uma estrutura de escolha. Liberdade é essa necessidade que nós temos de escolher. Se não estivéssemos situados, não haveria liberdade, pois não haveria necessidade de escolha. Liberdade é pois a possibilidade de escolha).

Ora, o núcleo de relações, que se constitui ao redor de cada indivíduo, forma a menor estrutura social ou seja o átomo social.

(15) Ronald Laing, op. cit., p. 23.

Esta unidade social envolve o indivíduo e as pessoas às quais ele está emocionalmente relacionado. Das associações entre átomos sociais formam-se cadeias complexas de inter-relações, as redes sociométricas. Assim,

"quanto mais antiga é a rede, mais longe se estende e menos importante parece ser a contribuição do indivíduo na sua constituição. Do ponto de vista da sociometria dinâmica, estas redes têm por função formar a tradição social e a opinião pública."⁽¹⁶⁾

O fato de uma pessoa nascer mulher não determina que ela tenha um tipo de desempenho. A mulher é diferente do homem em termos orgânicos, mas o modo de existir dela depende de uma escolha. Isto não quer dizer que cada mulher pode superar a servidão feminina. Esta escolha não é puramente individual, é a escolha de toda a sociedade, de toda a civilização e que já está feita, no caso, quando a mulher nasce. O que escolhe é o modo de ser mulher.

O que vai fazer dela este ou aquele ser humano, é seu processo histórico. Mas distinguir o que trouxe, o que fez no caminho, o que os outros lhe deram é uma questão interminável: você se fez, ou se deixou fazer pelos outros.

Não escolher é também escolher diz Sartre: *"devo'saber que se eu não escolher, escolho ainda"*⁽¹⁷⁾ Por que o fato de estarmos em situação exige uma escolha? Porque não podemos existir sem ter consciência de existir, ou seja, de estar numa situação, de estar num mundo em que não podemos ignorar a necessidade de escolher.

A subjetividade não pode ignorar-se a si mesma, na mesma medida em que não ignorar a objetividade. Eu não consigo ignorar-me, porque não consigo ignorar o que me rodeia. Há unidade nossa com o mundo, como espetáculo organizado. E, uma vez que é inevitável a consciência desta realidade, é inevitável a consciência da nossa existência.

Assim, a mulher não pode ignorar sua situação objetiva e não se pode ignorar. Não pode ignorar seu ter que ver com essa si-

(16) Jacob Levi Moreno, Fundamentos de La Sociometria, p. 62.

(17) Jean Paul Sartre, O Existencialismo é um Humanismo?, p. 23.

tuação. Não pode ignorar-se como inserida nesta situação. E, por isso, ela escolhe.

"O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente (...); nada existe anteriormente a este projeto (...); o homem será antes de mais nada o que tiver projetado ser."⁽¹⁸⁾ É a esta escolha do modo de ser em relação às leis, às circunstâncias e aos outros, que se chama de projeto existencial, projeto da existência. É uma escolha humana, de um ser ou de seres humanos. Não quer dizer que seja uma escolha imediata (dele mesmo) do indivíduo que se propõe a realizar o projeto. O indivíduo pode chegar ao projeto através dos outros, pode parecer que foi levado, mas, foi ele quem foi. Isto porque, fez da escolha do outro, sua escolha.

Na perspectiva existencial ou existencialista a compreensão do adulto tem que ser feita a partir da criança que ele foi.

"A criança não contém o homem em que irá transformar-se; entretanto, é sempre a partir do que foi, que um homem decide o que deseja ser."⁽¹⁹⁾

Por isso, precisamos agora analisar qual é a situação da criança numa sociedade como a nossa. Compreendendo a situação da criança, vamos ter melhores condições de compreender o que aconteceu com o adulto que ela se tornou.

Nossa cultura divide a realidade em dois universos: o infantil — o faz de conta, o sonho, a brincadeira, a inconseqüência, e o adulto — a verdade, a seriedade, a responsabilidade, a providência. Essa visão é passada à criança mediante uma imagem do mundo adulto e dos adultos, de modo a promover nela (criança) uma visão de si mesma como embrião do adulto. Então ela se lança em termos de desejo de ser na direção de certos adultos, que se destacam como modelos e vínculos significativos.

Esta é a estrutura de escolha em que está inserida a criança, onde ela escolhe ou exerce sua liberdade, mas evidentemente, que a estrutura de escolha lhe é proposta como sagrada e inelutável. Isto é, a criança é chamada a escolher, mas não é chamada a discutir a estrutura de escolha e nem a perceber a precariedade desta.

(18) Ibid., p. 12.

(19) Simone de Beauvoir, Para uma Moral da Ambigüidade, p. 34.

Como todo indivíduo, ela é corpo e consciência. Portanto suas possibilidades de lançar-se em função de um ideal de ser e realizá-lo, dependem também de sua constituição (hereditariedade, condições maternas de gestação, etc.).

E não obstante toda esta situação, há uma escolha fundamental: a criança escolhe seu modo de ser. Uma escolha que em última instância, diz respeito a ela e não ao pai, mãe, etc.. Ela tem consciência desta escolha, o que não consegue é interpretar e tirar as conseqüências deste projeto de ser, porque não tem visão clara do que é o ser humano, do que é pertencer a espécie humana.

Este psíquico é engendrado em função de um desejo de ser que não é dado mas, é a expressão da própria condição humana. O que os adultos fazem é canalizar este desejo de ser. É por isso mesmo que, se a criança estivesse numa outra situação cultural ela se transcenderia buscando o ser noutra direção. Mas nunca deixaria de se lançar para um ideal de ser.

Na estrutura de escolha que se apresenta para Joana, precisamos considerar que sua mãe é uma mulher que cuida de seu marido mas, é comandada por ele. Na relação com Joana, tem a possibilidade de continuar cuidando mas, vai ter muito mais poder. Vai cuidar da filha, a partir do desejo dela (mãe) e não por uma imposição de fora. E assim é também uma maneira de se sentir viva, atuante e de ultrapassar a alienação presente. A filha poderá ser no futuro, a mulher independente e realizada que ela não é. Quanto ao pai, é considerado o "forte" da família, aquele que manda, que tem autonomia e que espera conseguir através dela a realização de seus anseios.

Na aliança com o pai, mesmo vestindo a fantasia, pode crescer. Se aliando à mãe, bloquearia esta possibilidade de crescimento, tornando-se o eterno bebê que dá sentido à vida da mãe. Ou seja, aquela criança de quem a mãe escolheu as amigas e a quem emboneca com roupa de babadinhos.

Veste então, a máscara de uma identidade masculina. Ganha uma identidade falsa, mas pode representá-la em termos de teatro e ter um destino mais promissor. Identificando-se com a mãe, reconquistaria sua identidade feminina mas, teria como destino o da submissão.

Mais tarde, na escolha de sua profissão, deixa transparecer o elemento de contradição de seu projeto originário: ser engenheira — saída semelhante a que o irmão encontrou, como construtor — e utilizar uma habilidade — desenhar — que a aproxima mais da mãe.

Quando escolhe seu companheiro reafirma, reforça e retoma a cumplicidade com o pai, em termos de projeto de ser. Escolhe Luís que tendo características de conduta semelhantes à mãe, lhe permite manter-se no comando como o capitão travestido.

Neste jogo de contradições, se vê enredada, até o agravamento da situação existencial de crise do casal. Confronta-se com sua impotência para lidar bem com o que vive. É então que procura a psicoterapia.

Ao longo do processo psicoterápico, descobre que seu projeto originário não lhe serve. Modifica-o, restabelecendo-o em novas bases. Agora elege o projeto de ser Joana, engenheira, casada, que faz docês, etc., etc. Desta vez, leva-se em conta com sua singularidade, medindo conseqüências, avaliando e qualificando suas necessidades.

Assim, repassando sua história, no primeiro momento, Joana escolheu submeter-se a uma decisão e não discutiu seu projeto de ser. No segundo momento, que se tornou possível pela terapia, se inclui ativamente no processo de restabelecimento do projeto, participando e votando.

Quando procurou auxílio psicoterápico, pôs em questão seu projeto de ser. Para sair da situação de conflito e conseqüente ansiedade, tem que modificar, criar. Como? Certamente não foi fazendo escolhas a partir do nada. Sua história é seu cenário: o fato de ser engenheira, ter um marido, ter vínculos afetivos, etc. É a partir de suas relações, inclusive a partir do vínculo com o pai e a mãe, que vai escolher. Só que, neste segundo momento é ela quem lida com os vínculos e não os vínculos que lidam com ela. Há uma escolha sentida, pensada e própria, na situação. Uma escolha que reflete um novo jeito de ser mulher. O declínio de sua capacidade criadora para enfrentar os problemas de seu viver estava no aprisionamento aos papéis conserva-cultural, norteados por um sistema de valores presentes desde sua matriz de identidade. E sair das teias obsoletas desta conserva-cultural, poder aparecer em sua espontaneidade-criatividade é dar uma nova qualidade a seus pa-

péis e desenvolver um mais consistente sentimento de identidade.

E Joana, que quando criança fez uma escolha alienada, com o auxílio da psicoterapia tem hoje maior posse de sua liberdade e de responsabilidade de seu projeto existencial.

E. ALGUMAS OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Minha proposta inicial foi de, partindo de um caso clínico, relatado e trabalhado sob o referencial do Psicodrama, contribuir para a compreensão da Mulher, seus papéis, sua identidade.

Cumprida esta trajetória, acrescento ainda alguns assinalamentos que ficaram como frutos e confirmações da experiência vivida.

São eles:

a — O fato de formar um grupo de psicoterapia psicodramática exclusivamente com clientes mulheres, não constitui impedimento ou empobrecimento dos objetivos terapêuticos. Além disso, pode se tornar muito produtivo e ser de grande auxílio no processo de reconhecimento, enfrentamento e modificação de situações conflitivas.

b — As mulheres de classe média, com instrução universitária e uma profissão socialmente reconhecida, sofrem pressões na relação que se estabelece entre seu mundo intra-psíquico e seu mundo externo, social.

c — A psicoterapia contribui na medida em que auxilia na resolução dos conflitos intra-psíquicos existentes, na modificação das relações com as figuras internalizadas da mulher. Mas isto não basta para que se sinta fortalecida em seu trânsito pelo mundo.

d — Também não basta à mulher atuar com modificações nos espaços externos, questionando teórica e praticamente, propondo mudanças no contexto social, quando internamente não se sente livre para viver suas propostas.

e — Joana, a protagonista mais imediata deste trabalho chegou a uma nova síntese através de seu processo de reconhecimento de vínculos, dos papéis desempenhados na rede sociométrica e da compreensão de seus conflitos, desde as relações estabelecidas em sua matriz de identidade. “Eu quero ser uma boa engenheira, mas quero também fazer doce quando chegar em casa, dividir o que tenho com o homem que amo, ter lugares e amigos. Eu sou uma mulher. Não uma criança. Nem do meu pai, nem da minha mãe. Eu sou eu. De mim” — foi o que afirmou no cenário psicodramático.

f — Minha contribuição a Joana, creio ter sido realizada através do papel de terapeuta e também pelo que expressei espontaneamente do meu sentimento de identidade. Não quero com isso dizer que a evolução do processo psicoterápico e seu desfecho até o momento do relato, ficou condicionada ao fato de ter sido acompanhada por uma psicodramatista mulher. Mas acredito que um terapeuta, homem ou mulher, exteriorize na relação com seu cliente a interiorização que fez de suas figuras femininas e masculinas e contribua com seus enfrentamentos bem ou mal sucedidos, suas possibilidades e impossibilidades de identificações não conflitantes. Não só o discurso, as condutas teóricas e práticas marcam e passam a ideologia do terapeuta, mas também suas condições pessoais de identidade, se revelam e são importantes.

g — Há muitos jeitos de ser mulher, e colocar-se como sujeito. Um sólido núcleo de identidade de gênero, um desempenho espontâneo de papéis, o reconhecimento e aceitação do corpo feminino e da capacidade para a maternidade e o prazer, a autonomia para a carreira profissional são alguns dos focos desta questão. A estas alturas da minha reflexão, cada vez mais clara me aparece a necessidade de integrar diferentes aspectos da realidade para compreender o que me propus. E certamente nenhum modelo pronto, masculino ou feminino, legitimará o singular, o genuíno, de cada mulher, das mulheres.

h — Como psicodramatista espero, através deste trabalho, ter contribuído para a tarefa de “desconservar”. Como mulher manifesto, neste ato, meu respeito e solidariedade.

* * *

"Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazerem balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança de vida da gente se guarda em trechos diversos, uns com os outros, acho que não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisa de rasa importância. Assim é que eu acho, assim é que eu conto. O senhor foi bondoso em me ouvir.

Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. O senhor mesmo sabe; e se sabe, me entende".

João Guimarães Rosa

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo, Difel, 1980, 180 p.
- BLUM, Harold. **Psicologia feminina**. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1982, 322 p.
- BERGMAN, Ingmar. **Sonata de outono**. Rio de Janeiro, Nórdica, 1979, 126 p.
- BOUVOIR, Simone. **Para uma moral da ambigüidade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 135 p.
- . O segundo sexo. V. 1 — Fatos e mitos; V. 2 — A experiência vivida. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981, 309 p., 500 p.
- . **Quando o espiritual domina**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980, 241 p.
- BUSTOS, Dalmiro Manuel. **Psicoterapia psicodramática**. São Paulo, Brasiliense, 1979, 194 p.
- CASTELLO DE ALMEIDA, Wilson. **Psicoterapia aberta: o método do psicodrama**. São Paulo, Agora, 1982, 159 p.
- DUCLÓS, Suzana Modesto; ANDALÓ, Carmen Silvia; BERTOLINO, Pedro. **A questão do Eu em Moreno**. Campinas, Revista da FEBRAP, ano 6, nº 1, 1984.

- . **A consciência espontânea em Sartre: uma contribuição ao estudo da espontaneidade.** Lindóia, IV Congresso Brasileiro de Psicodrama, 1984.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa.** Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983, 562 p.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976, 322 p.
- FIORINI, Hector J. **Teoria e técnica de psicoterapias.** Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1979, 233 p.
- . **Abordaje clínico de las estructuras histericas em psicoterapias.** Buenos Aires, 1º Congresso sobre Psicoterapias, 1981.
- FONSECA FILHO, José S. **Psicodrama da loucura.** São Paulo, Agora, 1980, 139 p.
- FRIEDAN, Betty. **A segunda etapa.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983, 315 p.
- GRINBERG, Leon; GRIMBERG, Rebeca. **Identidad y cambio.** Buenos Aires, Editorial Paidós, 1976, 199 p.
- LAING, Ronald David. **O eu dividido.** Petrópolis, Editoras Vozes, 1973, 231 p.
- . **A política da família.** São Paulo, Editora Martins Fontes, 1971, 155 p.
- LANGER, Marie. **Maternidad y sexo.** Buenos Aires, Editorial Paidós, 1976, 199 p.
- MEAD, Margaret; METRAUX, Rhoda. **Aspectos do presente.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982, 283 p.
- MEIRELES, Cecília. **Poesias completas.** v. II, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, 211 p.
- MOREIRA ALVES, Branca; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo.** São Paulo, Brasiliense, 1982, 79 p.
- MORENO, Jacob Levi. **Psicodrama.** São Paulo, Editora Cultrix, 1946, 492 p.
- MORENO, Jacob Levi. **Fundamentos de la sociometria.** Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972, 403 p.
- . **Las bases de la psicoterapia.** Buenos Aires, Ediciones Hormé S.A.E., 1967, 271 p.
- . **Psicoterapia de grupo e psicodrama.** São Paulo, Editora Mestre Jou, 1974, 367 p.

- . **El teatro de la espontaneidad.** Buenos Aires, Editorial Vancu, 1977, 210 p.
- NAFFAH NETO, Alfredo. **Psicodrama: descolonizando o imaginário.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1979, 271 p.
- PERAZZO, Sergio. **O desenvolvimento de papéis ligados à sexualidade.** Lindóia, IV Congresso Brasileiro de Psicodrama, 1984.
- PINCUS, Lily; DARE, Christopher. **Psicodinâmica da família.** Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1981, 142 p.
- POSTER, Mark. **Teoria crítica da família.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, 251 p.
- PRADO, Danda. **Ser esposa: a mais antiga profissão.** São Paulo, Brasiliense, 1979, 334 p.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro, Massao Ohno — M.L. Pires e Albuquerque Editores, 1982.
- SARTRE, Jean Paul. **El ser y lo nada.** Buenos Aires, Losada, 1972, 775 p.
- . **Esboço de uma teoria das emoções.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965, 85 p.
- . **O existencialismo é um humanismo.** São Paulo, Editor Victor Civita, Coleção Os Pensadores, v. XLV, 1973.
- SCHÜTZEBERGER, Anne-Ancelin. **O teatro da vida — psicodrama.** São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1970, 238 p.
- TOFFLER, Alvin. **Previsões & premissas.** Rio de Janeiro, Record, 1983, 243 p.